

AÇÚCAR NO BRASIL - PERSONALIDADES

IX – ANTONIO DA COSTA AZEVEDO (TENENTE)



Autoria: Gileno Dé Carli – in *História de uma Fotografia*, Recife, 1985.

Nessa área por onde passariam os trilhos da estrada de ferro ligando Recife a Maceió, se fundou o engenho Catende, que em 1869 pertencia a Felipe Paes de Oliveira. Eis o que dizia Zeferino Galvão sobre a usina Catende, que anteriormente chamou-se "Correia da Silva". Pelo decreto do governo do Estado, de 24 de março de 1891, e contrato de 3 de abril seguinte, foi lavrado no Tesouro e concedida aos agricultores Carlos Sinden e Felipe Paes de Oliveira o auxílio de 250.000\$000, em apólices de juros de 7% ao ano para a fundação de uma usina que se denominava "Correia da Silva", no engenho Catende, do segundo concessionário. "Para transporte de matéria-prima dispõe ainda a Usina de cana de cerca de 16 kms de via férrea de 0,60m de bitola, servida por três locomotivas". Isso demonstra que no princípio do século a usina já estava em funcionamento.

É de se perguntar por que o nome de "Coréia da Silva". José Antonio Correia da Silva era vice-governador da província de Pernambuco, assumindo o governo em 23 de outubro de 1890, substituindo o Barão de Lucena. Correia da Silva iniciou os decretos de concessão de empréstimos para a fundação de usinas em dezembro de 1890. Entre as concessões de empréstimos a pretendentes de 16 usinas, pelo decreto de 24.03.1891, uma foi atribuída à Usina Catende que estava em formação. Em homenagem deram seu nome à usina. (...) Em 1891, o subsídio à Usina Coréia da Silva havia sido de 250 contos de réis e já com o novo nome de Catende, de 800 contos.
(...)

Fez-se assim Catende que, de dificuldades em dificuldades acaba caindo em mãos de seus credores Mendes, Lima & Cia e um dia cairia nas mãos de Antonio Ferreira da Costa Azevedo.

Matias Alves Ferreira, senhor-do-engenho Trapuá, do antigo distrito de Tracunhaém, do município de Nazaré da Mata, é o pai de João Antônio da Costa Azevedo, pai de Domingos Ferreira de Souza Azevedo, que é o pai de Antônio Ferreira da Costa Azevedo.

Por parte de mãe, este último é neto de Herculano da Silva Pereira, do engenho Prado, de Nazaré da Mata. Nasceu em 16 de fevereiro de 1882, no engenho Trapuá, sendo seus pais Domingos Ferreira de Souza Azevedo e Josefa Araújo de Souza Ferreira.

Desde pequeno deram-lhe o apelido de "Tenente", que permaneceu por toda a vida. Pouco afeito aos estudos, começou sua vida como feitor do engenho do seu pai, demonstrando logo de início grande inclinação para a agricultura e para a administração da pequena indústria açucareira, o bangüê. Perto do casamento com sua prima Ana malta da Costa Azevedo, foi-lhe oferecido pelo cunhado João Antonio da Costa Azevedo, o arrendamento do engenho Diamante, onde safrejou por oito anos. Deixa o engenho e arrenda o engenho Camarazal, de propriedade de João de Hermógenes, de Nazaré, onde passou três

anos. Comprou em Pau d'Alho o engenho Utinga, cheio de matas e durante quatro anos se transforma em grande fornecedor de lenha à Great Western, a empresa inglesa de transporte ferroviário. Com os lucros dessa atividade, compra o engenho Rodízio, ainda em Pau d'Alho e começa a fornecer canas à Usina Mussurepe, de propriedade da família Bandeira de Melo. Vai à Paraíba e adquire uma usina – denominada Cumbe, no vale do rio do mesmo nome, que estava há dois anos em forgo morto (...) Mói a usina com sucesso por cinco anos, quando recebe um convite da firma comissária de açúcar do Recife, Mendes, Lima & Cia, a maior do Nordeste, que queria vender a Usina Catende, das maiores do país, mas condicionava a operação a que Tenente fizesse parte da projetada sociedade compradora. Dessa sociedade faziam parte a Usina Mussurepe, a usina São José e a firma comissária de açúcar A. Oliveira & Irmão. Antonio Ferreira da Costa Azevedo entraria, por decisão da vendedora, como pessoa física.

Tenente assume a direção da grande empresa. Dentro de dois anos, os primeiros sócios decidem deixar a sociedade, ficando Tenente com 50% das ações e A.Oliveira & Irmão com os outros 50%. (...) Em 1936, Tenente inaugura a primeira destilaria de álcool anidro do país, com capacidade diária de 30.000 litros.

Tenente era homem de muito ouvir e pouco falar, agia sem espalhafato, sem estardalhaço e o que fez é muitas vezes mais do que ele disse. Era essencialmente um agricultor, conhecia todos os segredos da terra: ela sabia que o fornecedor de cana - como o antigo senhor-de-engenho, como o usineiro plantador – sempre foi um depredador. Depredou, maltratou, enquanto pôde, a terra. Ela sofreu em suas mãos o que um condenado padece em mãos de um carrasco. O que o sádico pode fazer sobre uma vítima indefesa, ele assim martirizou a sua terra. Desnudou-a, cansou-a. Nada restituiu pelas antigas boas colheitas. De uma avareza enorme, quis um lucro rápido, uma vitória fácil. Mas só vence na terá quem com ela se integra. Quem a trata com a voluptuosidade de um amante.

(...) Enfim, as três causas da precariedade da lavoura canavieira de Pernambuco, na época, se podiam sintetizar, na sua ordem de importância: esgotamento do solo, rotina do trabalho agrícola e má variedade da cana. (...) A partir da safra 1936/37 se começou realmente a pensar em racionalização dos trabalhos agrícolas nos campos de cana de Pernambuco. Racionalizar era a palavra de ordem. Começa uma nova era para os campos canavieiros de Pernambuco: mecanização do trabalho agrícola; melhoria das sementes de cana; adubação e finalmente irrigação. Deve-se, não se pode negar, ao espírito de luta de um grande produtor pernambucano – Costa Azevedo, Tenente – a iniciativa desse movimento renovador. Assim, a Usina Catende naquela época construiu 15 açudes, alguns deles de grande capacidade. (...) diminuir o custo de produção e o custo de transporte. (*Obs: há descrição de muitas ações desenvolvidas*)

Tenente teve um outro grande mérito ao institucionalizar, racionalizar a assistência social em sua empresa. Basta dizer que na safra de 1937/38, mal tendo emergido de grande crise açucareira, construiu 120 casas para operários e trabalhadores rurais.

Dedicou especial atenção ao ensino primário e profissional, preparando o seu futuro operário, o seu próximo empregado. O ensino primário feito através de 14 escolas, era administrado por 19 professoras e uma inspetora escolar, com uma frequência de 1.200 crianças. A organização escolar constava um Grupo Escolar dentro da cidade de Catende e das seguintes escolas: Amauri de Medeiros, no engenho Ouricuri; Rui Barbosa, no engenho Bamborel; José Mariano, no engenho Bálsamo; Marcílio Dias, no engenho Campinas; Manoel Borba, no engenho Capricho; Dantas Barreto, no engenho Curupaiti; Martins Júnior, no engenho Souza; José Maria, no engenho Venturoso; Manoel Pinheiro, no engenho Espírito Santo; Joaquim Nabuco, no engenho Planqueta; Oliveira Lima, no engenho Piragibe; José Bezerra, no engenho Santa Cruz; Barbosa Lima, no engenho Tabairé; a Escola profissional Newton Cavalcanti no engenho Niterói, que era a mais completa e perfeita realização em matéria de Assistência Social e Rural de Pernambuco. Constava de:

a. uma escola primária com farto material didático e frequência de 47 meninos, na sua quase totalidade filhos de operários da usina, inválidos ou falecidos;

b. um internato para igual frequência;

c. uma grande área de plantação com instalação para irrigação, criação de porcos, viveiros e sementeiras para o serviço de reflorestamento;

d. uma oficina de sapateiro;

e. uma tipografia para avulsos e para jornal;

f. Uma fábrica de gelo para 300 quilos diários;

g. Uma fábrica de farinha e raspa de mandioca;

h. Uma alfaiataria.

O "barracão" do meio rural vende caro mercadorias ruins, compradas por preço baixo. Desconta os vales por dinheiro, mediante pesado ágio. Força o consumo de aguardente e enriquece o dono do barracão. (...) A Usina fundou um Departamento Comercial, com a finalidade de melhor servir aos seus auxiliares, com víveres de boa qualidade e a preços mais baixos. O lucro que o Departamento Comercial venha a ter, se destina integralmente a obras sociais. Para não onerar o preço das mercadorias, a Usina faz gratuitamente o transporte da cidade de Catende para os diversos armazéns dos engenhos.

Os trabalhadores têm, também, todos os domingos e feriados, dois trens, de ida e volta à cidade e conduzem à feira o produto do seu trabalho no roçado e fazem as compras necessárias ao seu sustento, não se prendendo, portanto, ao vendeiro do engenho. No interesse de promover reuniões festivas entre seus operários, a Usina Catende mantinha uma banda de música, com instrumental completo, fardados todos os músicos. Todos os operários estavam cobertos por seguros contra acidentes. Mantinha uma assistência à velhice, com 20 famílias pensionistas, vivendo numa vila construída pela usina na cidade de Catende, que cedia as casas gratuitamente.

Essa descrição pormenorizada da atuação pessoal de Tenente nesse setor demonstra a lucidez do seu espírito humano.

(...)

Em 1916 a usina Catende era a maior produtora de açúcar do Brasil. (...) Em 1945/46 já demonstra sensível queda de produção, que somente encontra sensível recuperação na safra de 1950/51. Era a última safra produzida por Tenente, grande agricultor, homem de extrema sensibilidade humana, humildade na aparência e gigante na ação. Iria suceder-lhe seu filho João da Costa Azevedo.